

ANNO = 1871.

O ARTISTA

NUMERO 8.

RESPONSAVEL — O BACHAREL, ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO

SEXTA FEIRA 11 DE AGOSTO

Está de luto o redactor d'esta folha. A morte inexoravel, que não poupa nobre nem plebeu, novo nem velho, acaba de ceifar mais uma vida preciosissima.

A mãe do illm.º sr. dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro, cançada, talvez, de viver n'este mundo fallaz, que promete sempre sorrisos, e só nos dá prantos amargos, sumiu-se no pó da sepultura! Alma virtuosa, gosa agora na mansão dos espiritos, o premio que Deus promete aos justos!

Mãe extremosa, quando a noite estender o seu negro manto por sobre a terra, desce tu a ella para consolar a saudade filial!

Tu que eras mãe, e que melhor que ninguem sabias avaliar o teu amor, tambem avalias bem agora, a dôr de teu inconsolavel filho.

Quando o dobre funéreo fôr annunciar-lhe que já não tem mãe, verás, sancta que velas no empyreo, como será grande o soffrimento d'aquelle nobre coração.

Quem pôde comprehender este mundo que dá e tira alegrias e que ri e chora ao mesmo tempo?

Ha momentos na vida tão dolorosos e cruciantes, que muitas vezes a lingua emmudecida, não se atreve a balbuciar uma palavra consoladora. Sabemos avaliar o que é a perda d'uma mãe extremosa, d'uma amiga querida que nos beijou na infancia, que brincou connosco horas esquecidas; mas não sabemos dizer ao filho: esquece a infancia — quadro pueril do passado — olvida tambem os beijos maternos, e lança-te nos braços do esquecimento.

Quem poderá riscar da memoria as scenas risonhas e innocentes da infancia? Que dôr immensa não affligirá n'este instante o nosso illustre mestre e amigo!?

E comtudo nós não sabemos achar palavras de conforto para o resignar!

Se a ideia só, de que é universal esta lei fatal, poder confortar o filho extremoso, que carpe em silencio a auzencia d'uma mãe querida, o sr. dr. Ferro, de certo encontrará a resignação que por emquanto não tem.

Nós que conhecemos as nobres qualidades de s. s.º, não duvidamos da immensa dôr que ora o atormenta.

Receba pois o sr. dr. Ferro, os nossos sentidos pezames pela perda d'um ente tão querido.

Braga, 10 de Agosto de 1871.

C. V.

BRAGA 10 DE AGOSTO

Logo depois das eleições começou o *Artista* prognosticando a queda da actual situação, e parece que tinha demasiado fundamento para o fazer.

Tem até hoje sustentado a mesma doutrina, e com tudo a situação vive ainda!

Naturalmente o *Artista* não viu a questão politica como a devia vêr, ou então ha grande transtorno na politica e nos politicos.

Quasi toda a imprensa do paiz tem manifestado a opinião de que esta situação não póde viver com os elementos que tem, e principalmente com aquelles que julgou crear para lhe dar vida.

O governo reconhece que a camara que mandou fazer pela auctoridade dos seus esbirros não satisfaz aos seus desejos e tanto que já declarou não poder viver com tão monstruosa producção!

Este parto monstruoso do ministerio Bugajóz-Carlos-Rego, é tão notavel, que não só matará dentro em poucos dias o seu pro-creador; mas quantos ministerios succederem a tão anomala situação.

O Regulo de Bugajóz teve sempre a feliz lembrança de levar á camara electiva elementos com os quaes não póde governo algum sustentar-se.

Apesar de tudo isto e do muito mais que poderamos dizer, o Regulo e companhia vae sustentando a carcomida carangujola ministerial com o forçado apoio das impotentes parcialidades politicas.

Parece incrível que uma situação tal qual tem sido a do Regulo e Companhia se tenha podido sustentar; porém não admira que tal situação tenha vivido, á vista da impotencia e corrupção politica dos diversos partidos.

O paiz acha-se devidido e retalhado em tantos conventiculos politicos, quantos são os ambiciosos que o querem explorar. A politica d'estes politicos sem politica, é a pessoal e nada mais.

Hoje guerreiam o governo porque lhe não dá uma candidatura; amanhã apoiam o mesmo governo porque lh'a dá e lhe promete servir alguns filhados.

No dia seguinte acham probabilidade de se desfazer do amigo da vespora e dão batalha com esse fim; porém não podendo realisar o plano declaram ser amigos dedicados do ministerio.

O governo conhece a traficancia, mas não póde dispensar os traficantes; e n'esse caso transige com elles.

Em seguida o governo procura pela sua parte tirar a desforra, e não podendo igualmente conseguil-o, transige com a opposição e declara ser leal amigo d'ella.

Este é o quadro que se nos antolha, e que crêmos que todos apreciam. N'estas circumstancias a questão não é de principios, nem de escola; mas sim d'ambição de poder, tanto da parte do governo, como da parte da opposição.

É assim que caminhamos a passos agigantados

para a nossa completa ruina, onde depressa chegaremos se o povo não abrir os olhos e não distinguir os especuladores politicos dos homens verdadeiramente amantes do seu paiz. F.

THRENOS MINISTERIAES.

Ministerio, corporação de ineptos e de *eupatridas*, rei do interesse pessoal, tu és agora o ultimo som da gargalhada que morre.

A ferrugem, que te prende a lingua politica, é negra como a tua penna, que faz e desfaz empregos.

Alguns dias tem surgido, depois que tu surgiste; e, engulindo esplendurosas libras, cairam todos em fôfas poltronas.

E tu has visto seu nascimento e occaso, com um sorriso zombeteiro, porque julgavas que a paciencia do povo era inexgotavel.

Escondendo na *provincia monetaria* a tua origem, dizia aos demais politicos: temos por chefe o *Bugagoz*.

Potente e formoso ha pouco, quando o povo e o clero te arrojavam ao pedestal d'argilla o suor de seu rosto, os famintos se te vinham deitar ás portas das secretarias, e engordar-se com uma unica pennada sobre o papel.

Cada um dos cantinhos das tuas repartições, abrigou já muito lisongeiro; em cada decisão do teu ambicioso cerebro ha uma lembrança da tua parvoice risivel; em cada degrau das tuas escadas, pégadas que descancam hoje para trabalhar depois do teu enterro.

Nas eras do teu brilho fallaz, os saltimbancos de Barroso, haviam-se por satisfeitos com chamar egoistas a teus membros; e qualquer de teus membros dava e tirava *mamadeiras*.

A tua vontade absoluta dominava o *arraial* dos teus afeiçoados; e estes hão de accender candeias, quando te virem espojar na lama.

Para se descobrir a ilha denominada — Questão da Fazenda — arripiavam-se os cabellos d'um de teus membros: a reforma do exercito junta com a da fazenda navegava em mares de *champagne*; mas sobre todo este chaos hasteava-se um signal de mentira e d'illusão: era o pendão das Economias.

Então, ó ministerio chrysopêio, dominavas tu, e eras forte, mais do que Prado ou Frossos; mas o dominio e a força, vinham-te da eegueira do povo, que tarde se lembrou de te apeiar do pedestal.

A rubra côr das tuas faces, vae desaparecendo á medida que surgem os obstaculos, exsulcerativo e moribundo corpo.

Que te resta pois d'esse fulgor mentido, d'essa gloria mesquinha?

Um algar, um antro cheio de visco, d'onde um dia te possas desembaraçar para te *empoleirares* em occasião opportuna. * * *

CORRESPONDENCIAS

Snr. redactor.

Sinto muito o ter de occupar no seu periodico um espaço com as seguintes linhas cuja leitura nada interessa, e privar d'este modo os leitores da instrução que algum outro artigo lhes podesse fornecer; porém, chamado á barra para responder a um emprazamento que me fazem no *Commercio do Porto* de 4 de Agosto, tenho precisão de recorrer á bondade de V. para que consinta a inserção d'ellas, no seu acreditado periodico.

Antes de responder ao dito emprazamento, vou contar o facto alludido para satisfação publica, visto que a influencia dos mexeriqueiros obrigou o emprazador a trazer a publico aquillo que bem podia deixar de sahir do logar aonde por incidente appareceu.

Eil-o:

Achava-me na sala-cópa do Café Vianna na noite do dia 24 do passado, estando uma trindade composta d'um alfaiate e dois empregados, continuo e correio, do Governo Civil, todos tomando seu chá. Apparece *O Artista* periodico; tomo-o para lêr; e logo o proprietario do Café Vianna me pede a cessão d'elle, ao que de bom grado annui.

Reinava silencio entre todas as entidades, até aqui descriptas, e eu, quando o snr. Vianna, pouco mais ou menos nos termos seguintes exclamou: — Afino que na imprensa alterem o que escrevo —, incumbindo-me, acto continuo, de lhe fazer publicar no *Bracarense* um annuncio seu que vinha n'aquelle periodico, supprimindo-lhe a palavra — acreditado. —

Aqui mette de bedelho mestre Fundão contando a seguinte historia, e com muito *chiste* (que as suas historias são muito chistozas):

«Tambem o José Maria do Lusitano se queixa dos compositores do *Bracarense* por lhe alterarem um annuncio em que pedia aos devedores (este termo *devedores* emprego-o eu em vez do que foi proferido — caloteiros) que lhe pagassem, sob pena de lhes serem publicados os nomes não o fazendo. . . .

Accrescentando que o snr. José do Lusitano dizia que não achava motivo que justificasse a alteração da sua *peça* (annuncio), a não ser que os ditos compositores não gostassem d'aquelle seu *mimo*, pois que tambem pertencem ao cathalogo dos seus (*tres mil?*) caloteiros.

Transparece n'isto um insulto escandaloso (se não calumnia) aos meus collegas e companheiros, cujo credito não devia consentir que se manchasse.

Increpei immediatamente o snr. José do Lusitano na presença do meu antagonista; e lembro-me que no correr da questão, as phrases mais acerbas de que me servi não significaram mais do que o que agora repito: — que o snr. José do Lusitano tem má lingua — que é insolente e descomedido — que no seu constante dizer não ha quem lhe não deva e por isso lhe não mereça o epitheto de *caloteiro*, e (acrescento agora) mais amabilidades que a decencia manda calar pelo que muitos dos freguezes que o ajudavam a viver frequentando o seu café, (pagando, já se sabe, a respectiva despeza), mudaram cognominando-o — indecente analphabeto —, pelo que hoje é mui vulgarmente conhecido. E disse mais, que o snr. José do Lusitano, a ser verdade o que ha muito corre em toda a cidade fóra o instrumento, procurado *ad hoc*, de que se serviu o primeiro proprietario do café Lusitano, para se eximir do pagamento aos credores, e por isso não tinha muita razão de tratar tão grosseiramente quem lhe deve, pois que tinha servido de capa de l. . . Assim terminou a questão no que respeita a palavriado. (. . .)

Posto isto, parece-nos que não devemos ser desafiados a provar ao snr. José o que não dissemos; ao contrario, o snr. José ha muito devia ter illudido o publico para que este dê «a Cezar o que é de Cezar.»

Mas os mexeriqueiros que julgaram fazer-lhe bons serviços, sementando entre nós a sisania, segundo o seu *lowavel* costume, ou porque já nos não podessem comprehender, ou arrastados por espirito de malvez, foram dizer-lhe (segundo se deprehende do emprazamento) que lhe tinhamos assacado uma calumnia (que nem o snr. José Maria sabe qual seja), e que lhe tinhamos chamado ladrão!! (S. JERONYMO — SANTA BARBORA!!!)

E comeu a peta impingida pelo vilão.

Depois empraza-me para lhe declarar se sei «que elle praticasse algum roubo». Ora, sou um seu criado.

Já agora, era o que me faltava, deixar os meus interesses e a minha profissão honroza, para me arvorar em espião da vida alheia. Para flagello da humanidade, não bastarão esses que nos encommodam todos os dias?

Mais abaixo, no emprazamento, diz o snr. José que o obsequiamos com o nome de ladrão. SANTO DEUS!

E' preciso ser nescio para acreditar tal cousa. Eu, chamar-lhe ladrão?

N'essa não cahia por fórma alguma, snr. José, ainda que o visse, ou a qualquer outro, na estrada de trabuco em punho, porque as leis castigam, por crime de injuria, quem tiver a ousadia de chamar ás cousas pelo seu proprio nome.

E' o que se vê: póde a gente chamar ao pão — pão —, e ao queijo — queijo; e a um ladrão só se lhe póde chamar — cavalheiro, ou cousa que o valha.

Ainda não o sabia? Fique-o agora sabendo para ser d'ora ávante mais prudente.

Julgo ter respondido cabalmente ás perguntas que me faz, pelo que declaro fechada a sessão, assignando-me, com sua licença, e segundo a promessa com que incerra o seu empraçamento

— homem honrado —

Braga 7 de Agosto de 1871.

Antonio Caetano Pereira Veiga.

NOTICIARIO

Aviso. — Desde já avisamos aos nossos assignantes de que não tem folha na terça feira, visto que é dia sancto de guarda.

Programma dos festejos do Bom Jesus da Saude. — Ás 3 horas da tarde de domingo 13 do corrente, começará um esplendido leilão de prendas; tocará nos intervallos a muzica dos Artistas.

Ás 11 horas da noite do mesmo dia haverá um variado fogo do ar e balões de côres.

No dia 14 continuará o leilão desde as 8 horas da tarde e tocarão lindas peças as duas bandas de musica da terra. Ás 11 horas começará variado fogo do ar e prezo, e subirão tambem balões.

No dia 15 haverá na capella de S. Miguel o Anjo, missa cantada acompanhada a instrumental, e exposição do SS. todo o dia; sermão de tarde e *Te-Deum*. Continuará o leilão ás 3 horas, tocando durante elle a phylarmonica bracarense.

Em todas as tres noites haverá uma linda illuminação.

Novena. — Já começou a novena á Senhora d'Abbadia, que se venera na sua capella do largo de S. Martinho.

Festividade. — Tem de festejar-se, no dia 15 d'este mez, na igreja da Senhora A Branca, a imagem de N. S. das Neves.

Consta-nos que, depois d'algumas questões, está contractada a musica dos Artistas para solemnisar este acto.

Alguem julga com loucos pretextos, filhos todos da inveja, dissolver esta banda de musica, mas estamos habilitados para dizer, que se enganam complectamente. Os artistas hão de continuar, porque despresam os meios de que seus inimigos lançam mão para os desacreditar.

Outra. — Sahiu hontem pela manhã a procissão de S. Lourenço, na formã do costume.

Boato. — Consta que, em consequencia da inspecção que ultimamente foi passada ao regimento de infantaria n.º 8, será transferido o major do mesmo o exc.^{mo} sr. José Maria Tristão.

Mudança de feira. — A ill.^{ma} camara deliberou na sua ultima sessão ordinaria, que a feira de

gado suino que até hoje se fazia no largo das Thezas, fosse removida para o local de S. João da Ponte, devendo alli já effectuar-se a que deve ter logar no dia 16 do corrente. Esta deliberação camararia foi hontem publicada aos habitantes por meio d'um bando.

Chegada. — Já regressou de Roma o dignissimo abbade da Sé Primacial.

Errata. — No *Artista* de terça feira, 8 de agosto, na primeira columna e sexta linha, onde se lê — sustei — leia-se — sustae.

Tivemos hoje o summo prazer de encontrarmos outra vez, de viseira erguida, o interessantissimo Espirito. O homem embirra e teima que é Eusebio, nós teimamos tambem, dizendo que elle é tanto Eusebio como nós somos Joanna. Eusebio ou douctor, parvo ou tolo, tudo vem a ser a mesma cousa. Creia o sr. Eusebio das Chagas, que, logo que por cá não haja que fazer, daremos attenção á sua illustre e... esbelta figura.

Quer mais alguma cousa meu *né-né*? Não tenha vergonha... mande que será servido.

ANNUNCIOS

MONTÉ PIO DOS ARTISTAS DE S. JOSÉ

Pelo presente é convocada para o dia 13 do corrente mez ás 5 horas e meia da tarde a reunião da Assembleia Geral de todos os socios que estejam no gozo de direitos, para observancia do art. 41 dos seus Estatutos § 1.º

Braga casa das sessões da Assembleia na rua d'Agua 6 d'Agosto de 1871.

O Presidente perpetuo

(4) Henrique Freire d'Andrade.

Roga-se ao exm.º snr. Duarte Ferrere de Gossão, da quinta de Cabanas o favor de resgastar uns objectos que tem empenhados no Campo de Santa Anna d'esta cidade, no prazo improrogavel de 8 dias, sob penna de não fazendo-o se obrar na formã do art.º 863 do Codigo Civil. (5)

CAFÉ VIANNA

O proprietario d'este estabelecimento, pede a todos os seus amigos e freguezes, que queiram continuar a honral-o com a frequencia no seu estabelecimento, o especial obsequio de serem servidos na sala do Bilhar, ou de tarde, no *Chalet*: isto desde o dia 1.º d'agosto até se concluir as obras do salão do mesmo Cafe.

(2)

BRAGA — TYPOGRAPHIA LEALDADE — 1871

Rua de S. João n.º 2 — C.